

O método cartográfico na/com a formação na cibercultura

Filipe Ponte de Carvalho

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Faculdade de Educação

felipesilvaponte@gmail.com

Fernando Pocahy

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Faculdade de Educação

fernando.pocahy@gmail.com

Resumo. O presente artigo problematiza a formação docente, a partir de experimentações cartográficas, sobretudo em nossa sociedade contemporânea marcada pelo digital em rede, denominada de cibercultura. Para isso, mergulhamos nas ideias de Deleuze, Guattari, Rolnik, Foucault entre outros¹ e a partir dessas ideias, traçamos articulações cartográficas de metodologizações² e movimentações ética-estética-políticas com xs estudantes da disciplina de Educação do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ. Os principais efeitos desta experimentação no cotidiano da pesquisa, reafirmam que o método cartográfico é um método processual, analítico-crítico e que é produzido no ato de pesquisar com o outrx e não sobre o outrx; a formação de si enquanto cartógrafox ocorre em distintas e singulares formas de composição de territórios existenciais, produzidas com o mundo e no caminhar da pesquisa; cartografar é um gesto político, epistemológico, reflexivo e crítico, no qual conduz o/a pesquisador/a a tomadas de posição e análises aprofundadas da complexidade de seu tempo.

Palavras-chaves: Pesquisa cartográfica; Formação; Cibercultura.

The cartographic method in / with training in cyberculture

Abstract. This article presents a cartographic research on cyberculture practices carried out in the context of a teacher training discipline. The theoretical framework of this research is based on Deleuze, Guattari, Rolnik, Foucault, among others. Based on the work of these authors, we articulated the cartographic method with Foucault's ethical-aesthetic-political ideas to conduct research with students of the "Aesthetic Education" discipline of the Pedagogy course at a public Brazilian university. From this experience of cartographic research, we highlight that cartography is a critical-analytical method whose research procedures can be collaboratively redesigned with the research participants at each step taken by the researcher; the researcher learns to do cartographic research by conducting it in distinct and singular existential territories. We also emphasize that cartography is a political, epistemological, reflective, critical and non-neutral practice, which leads the researcher to carry out in-depth analyzes of the complexity of contemporary society.

Keywords: Cartographic research; Teacher training; Cyberculture.

¹ Pocahy (2019) vem fazendo o uso do sinal «x» como forma de colocar sob rasura noções consagradas e inflexões binárias de gênero.

² Estamos utilizando o termo "metodologização" como a ação de pensar-produzir o método no/com o ato de pesquisar.

1. Linhas cartográficas: compondo rotas de teorização

Todos los métodos científicos, todas las formas de racionalidad lógico-matemáticas, se instauran a partir de un mismo tejido de esquemas perceptivos, de afectos, de actividades imaginarias y de representaciones que encontramos, por otra parte, en la vida cotidiana, el sueño, la locura o la creación. (Felix Guattari, 1989, p. 51).

Iniciamos as nossas interlocuções com as ideias de Guattari para pensar-fazer o método cartográfico com a/na formação na cibercultura. Apostamos que as suas ideias nos fornecem outros olhares de problematizações³ e múltiplos caminhos para pensar a pesquisa acadêmica e os processos formativos hoje.

Neste artigo, lançamos mão do termo "linha" como um ponto de entrada/abertura para múltiplas problematizações, análises e reflexões, e também como um ponto de conexão para outras analíticas-intervenções. Partimos do pressuposto que as linhas são constituídas por representações, significações, fluxos e se produzem (também) desde rupturas e descontinuidades. Elas visam dar sentido e forma a uma determinada cartografia, produzir uma dada 'realidade'. As linhas são riscadas diversas vezes, são atravessadas por outras linhas, são flexíveis e moventes. Elas são (re)delineadas de acordo com as rotas, caminhos, movimentações, percursos que o/a pesquisador/a toma no ato de agenciar um determinado fluxo de produção de conhecimento (científico).

Nesse sentido, riscamos as nossas primeiras linhas sobre a cartografia a partir dos estudos da filosofia da diferença, pós-estruturalista, pós-crítico e queer (Deleuze, 1988; Deleuze & Guattari, 1995; 2004; Guattari 1981; 1989; Guattari & Rolnik, 1996; Rolnik, 2016; Preciado, 2017), que a vêem como um dos princípios do rizoma⁴, como um mapa. Este é

Aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. (Deleuze & Guattari, 1995, p. 22).

³ "Problematizar significa aqui, nos termos de Michel Foucault, realizar um movimento de análise que possibilita compreender como um conjunto de práticas discursivas ou não discursivas faz 'algo' entrar no jogo do verdadeiro e do falso e, ao mesmo tempo, constitui este algo como objeto para o pensamento". (Pocahy, 2011, p. 19).

⁴ O rizoma, para Deleuze & Guattari (1995), é diferente de uma árvore, uma vez que esta visa uma raiz e uma origem. Já o rizoma se ramifica para todas as direções e vai tomando forma de acordo com as conexões que vão ocorrendo, conectando um ponto a outro. Em Guattari & Rolnik (1995, p. 323), encontramos a seguinte discussão sobre rizoma: "os diagramas arborescentes procedem por hierarquias sucessivas, a partir de um ponto central em relação ao qual remonta cada elemento local. Os sistemas em rizoma ou "em treliça", ao contrário, podem derivar infinitamente, estabelecer conexões transversais sem que se possa centrá-los ou cercá-los. O termo "rizoma" foi tomado de empréstimo à botânica, onde ele define os sistemas de caules subterrâneos de plantas flexíveis que dão brotos e raízes adventícias em sua parte inferior".

Ainda nessa direção, Guattari (1981; 1989), a partir das cartografias esquizoanalíticas⁵, tece apontamentos que nos ajudam a entender o método cartográfico não como uma regra a ser seguida, mas, antes de tudo, como uma anti-regra e até mesmo um anti-método. A cartografia, de acordo com esse autor, é uma abordagem analítica-crítica das micropolíticas das formações subjetivas e das pulsações dos desejos. Nos rastros de suas ideias, compreendemos o método cartográfico como modos de problematização e de produção de mundos, a partir de um olhar-sentir outro, (re/inventar) a vida cotidiana. Tomamos o método cartográfico como um processo de fazer a pesquisa não-linear, hipertextual e em rede, para chegar a determinado entendimento-sentimento do mundo e das coisas, mesmo que muitas das vezes inesperado e inusitado.

Numa outra linha, encontramos mais pistas sobre a pesquisa cartográfica em Gilles Deleuze (1988), principalmente nas suas discussões relacionadas às obras e ideias de Michel Foucault que se debruçam sobre sociedade, discursos, enunciados, práticas e relações de poder-saber. Essas pistas vão em direção a outras maneiras de ler, refletir, analisar e criticar o tempo presente. Elas nos fornecem novos olhares, descolamentos, outros percursos e movimentos ético-estético-políticos (em termos foucaultianos⁶) na produção do conhecimento.

Entendemos que a pesquisa cartográfica é um método “mais flexível aos “acontecimentos” e às problematizações, que não faz uso de procedimentos e de mecanismos de controle, não se ocupando com resultados reproduzíveis” (Uriarte & Nietzel, 2017, p. 388); “não se define por metas traçadas anteriormente, tampouco se delimita a partir desta ou daquela ferramenta de pesquisa, mas, sobretudo por um caminho e direção ético-política” (César, Silva & Bicalho, 2013, p. 359); e “não comparece como um método pronto, embora possamos encontrar pistas para praticá-lo. Falamos em praticar a cartografia e não em aplicar a cartografia” (Barros & Kastrup, 2009, p. 76).

Acreditamos que o método cartográfico aciona reflexões e atravessamentos que constituem o/a pesquisador/a em seu cotidiano de pesquisa, sobretudo as suas tomadas de posições e escolhas, como por exemplo: por quê optar por determinado caminho e não outro? Como produzir uma pesquisa com x outrx e não sobre x outrx? Quem são xs interlocutorxs (sujeitos) que compõem a pesquisa? Quais teorizações tecer com as problematizações da pesquisa e as emergências do cotidiano pesquisado? Que tipos de procedimentos e análises acionar em cada contexto de pesquisa? Que posição epistemológica está situada a pesquisa?

Vemos a cartografia como uma arte, a arte de produzir conhecimento no fluxo do pesquisar. A arte de teorizar a vida em ato e de produzir determinadas paisagens sociais,

⁵ “Esquizoanálise: enquanto a psicanálise partia de um modelo de psique fundado no estudo das neuroses, baseado na pessoa e nas identificações, agindo a partir da transferência e da interpretação, a esquizoanálise inspira-se antes nas pesquisas que versam sobre a psicose; ela recusa-se a calcar o desejo nos sistemas personológicos; ela denega toda e qualquer eficácia à transferência e interpretação (Guattari & Rolnik, 1996, p. 322).

⁶ Na próxima seção discutimos as noções de ética-estética-política em Foucault.

a desconstrução de outras e reconstrução de tantas outras. É uma arte que contribui para que pratiquemos outros modos de (re-)existir e de analisar os processos de subjetivação na atualidade. Essa arte cartográfica “não opõe teoria e prática, pesquisa e intervenção, produção de conhecimento e produção de realidade” (Alvarez & Passos, 2009, p. 131). Ela “requer uma postura aberta aos acontecimentos insurgentes que atravessam a pesquisa” (Carvalho, Roseno & Pocahy, 2018).

De outra parte, Suely Rolnik (2016), em “Cartografia sentimental”, nos fornece mais aberturas para pensar-fazer a pesquisa cartográfica, principalmente ao destacar que o cartógrafo é um verdadeiro antropófago, que vive sempre buscando elementos para produzir suas cartografias e criação de mundos (constituição de realidade). Rolnik (2016, p. 23-24) destaca ainda que o que o cartógrafo

Quer é se colocar, sempre que possível, na adjacência das mutações das cartografias, posição que lhe permite acolher o caráter finito e ilimitado do processo de produção da realidade que é o desejo. Para que isso seja possível, ele se utiliza de um “composto híbrido”, feito do seu olho, é claro, mas também, e simultaneamente, de seu corpo vibrátil, pois o que quer é aprender o movimento que surge da tensão fecunda entre fluxo e representação.

Acrescentamos que o cartógrafo está sempre buscando estabelecer encontros plurais e heterogêneos com o mundo, pessoas, paixões, afetos, práticas, artefatos culturais para compor as suas cartografias. Todavia, nessa busca, acreditamos que os encontros podem gerar estranhamentos, mudanças de rota, novos desejos e (des)aprendizagens no cartógrafo, inclusive fazer este resignificar toda a sua movimentação de pesquisa. Além disso, o cartógrafo pode jogar⁷ com outras possibilidades de composição cartográfica, como o cinema, literatura, poesia, música, teatro, dança, séries etc - com as artesanias agenciadas dos/com os múltiplos e complexos cotidianos por onde se movimenta.

Outras teorizações vêem a cartografia como como um “mapa em constante processo de produção, instaurando um processo de experimentação contínua capaz de criar novas coordenadas de leitura da realidade” (Zambenedetti & Silva, 2011, p. 457); como “uma autêntica prática revolucionária de transformação estética e política” (Preciado, 2017, p. 10); ou ainda como “uma estratégia de análise crítica e ação política, olhar crítico que acompanha e descreve relações, trajetórias, formações rizomáticas, a composição de dispositivos, apontando linhas de fuga, ruptura e resistência” (Filho & Teti, 2013, p. 47). A cartografia “visa a ampliação de nossa concepção de mundo para incluir o plano movente da realidade das coisas” (Escóssia & Tedesco, 2009, p. 92). Ela propõe “aproximar-se de uma realidade complexa vista como abordagem não dualista [...], com uma postura sempre questionadora com relação às abordagens tradicionais de produção de conhecimento” (Oliveira & Mossi, 2014, p. 192).

⁷ Foucault (2006, p. 282) argumenta que a palavra “jogo” refere-se ao “conjunto de regras de produção da verdade. Não um jogo no sentido de imitar ou de representar; é um conjunto de procedimentos que conduzem a um certo resultado, que pode ser considerado, em função dos seus princípios e das suas regras de procedimento, válido ou não, ganho ou perda”.

A cartografia é “um modo de pesquisar que se propõe a pesquisar processos, que serão produzidos e, ao mesmo tempo, transformados pelo próprio ato de pesquisar em agenciamento com as linhas de força e de subjetivação do campo problemático” (Ferigato & Carvalho, 2011, p. 668). A cartografia “não parte do nada, mas de algo preexistente — sobretudo, das paixões, dos encontros, do amor pelo que se toca e pelo que se vê” (Oliveira & Paraíso, 2012, p. 173); traz “um novo patamar de problematização, contribuindo para a articulação de um conjunto de saberes, inclusive outros que não apenas o científico” (Romagnoli, 2009, p. 169).

Essas ideias discutidas até aqui nos possibilitam entender um fragmento das teorizações sobre a pesquisa cartográfica. Discutimos, na seção a seguir, as movimentações ética-estética-políticas que mobilizamos para pensar-fazer uma experimentação cartográfica com a formação na cibercultura.

2. Ética-estética-política: movimentações cartográficas

Nesta seção, discutimos as movimentações ética-estética-políticas (Foucault 2006; 2017) que traçamos numa experimentação cartográfica com estudantes – 29 mulheres e 3 homens – da disciplina de Educação Estética⁸, um dos componentes curriculares do quarto período do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Campus Maracanã, que tem a carga horária de sessenta horas. Esta experimentação em/de/com a pesquisa ocorreu no período de 2018.01. E segue articulada aos princípios éticos-epistemológicos que compõem um modo de pensar-praticar os cotidianos da educação como platôs de produção de modos de vida (outros). Para tal, o recurso às problematizações sobre processos e práticas de subjetivação desde miradas foucaultianas é um dos agenciamentos epistemológicos privilegiado nestes encontros formativos – espaços-tempos para uma ética do cuidado de si (Foucault, 2006).

Portanto, antes de prosseguir, destacamos as contribuições de Michel Foucault: ao mergulhar nos estudos dos gregos-romanos da Antiguidade, o filósofo (cartógrafo⁹) francês Foucault (2006; 2017) desenvolve a ideia de ética como a condução de si,

⁸ Esta disciplina foi inicialmente configurada para abordar elementos que se apoiam na arte e educação/ arte educação. No entanto, sob a coordenação do segundo autor, um dos titulares da disciplina desde 2014, ela vem operando com problematizações que se ocupam de tomar as práticas educativas como práticas de produção ético-estético-política, considerando a produção, governo e marcação da diferença como planos de análise-intervenção, com ênfase para as relações de gênero e étnico-raciais e dissidências da sexualidade. Neste sentido, toma a educação como uma ética-poética-e-política da existência pensando-vivendo a arte e outras práticas da cultura como planos de experimentação e produção de subjetividades, e a arte, mais do que ser cartografada, nos cartografa, acompanha e institui modos de vida, práticas e fluxos da/cultura. A disciplina se apresenta também como espaço-tempo de formação de docentes para o ensino superior, a partir da prática de estágio docente, componente obrigatório do Programa de Pós-Graduação em Educação – ProPEd/UERJ. Assim a experiência deste ensaio relaciona-se ao estágio docente do primeiro autor em parceria com o segundo autor, também orientador.

⁹ Gilles Deleuze define Foucault como um cartógrafo, em oposição à figura canônica de certos modos de pensar a filosofia/ o filósofo. DELEUZE, Gilles. “Écrivain, non: Un Nouveau Cartographe”. Critique, n. 343, 1975, p. 1223.

exercício de si sobre si e do conhecimento de si a partir de reflexões e práticas de si perante os regramentos e valores morais. Estes se desdobrariam num modo de ser no qual o sujeito é um espelho da pólis, constituindo-se em sujeito da moral, da ética ou da etho-poiética. Foucault (2017, p. 34) informa que há distintas formas de elaboração do trabalho ético que se operacionaliza sobre si mesmo, “não somente para tornar seu próprio comportamento conforme a uma regra dada, mas também para transforma a si mesmo em sujeito da moral de sua própria conduta”.

Rose (2011), a partir das ideias Foucault, argumenta que a ética se refere ao domínio dos conselhos práticos específicos sobre como cada um/a deve se preocupar consigo mesmxx, de fazer de si mesmxx um objeto de solicitude e atenção e de conduzir a si mesmxx nos diversos aspectos de sua existência cotidiana. É uma ética voltada para as práticas de si e dos domínios de si, as quais dão sentido e forma à construção da estilística da vida, das artes de si, à estética da existência (Foucault, 2006). Essa estética concebe a vida como uma obra de arte esculpida por meio do cuidado de si e toma forma a partir das relações que se estabelecem consigo e com a/o outra/o. Gallo (2012), pensando também com as ideias de Foucault, considera que na estética da existência damos contornos à vida criando um estilo, imprimindo formas, uma forma de viver, um jeito de ser feliz, um estilo próprio de ser, viver e habitar.

As ideias da ética como estética da existência contribuem para pensar que a todo momento estamos nos esculpindo e somos esculpidos. Todavia, na contemporaneidade, é possível notar práticas que talham quase que ao meio a estética da existência, a obra de arte chamada vida. São práticas que fraturam a sensibilidade do viver, as relações partilhadas de afetos de si e com a/o outra/o e as liberdades de si. Essas fraturas adoecem os corpos e transformam em estado de putrefação a saúde mental de quase todo o tecido social. Estamos nos referindo àquelas práticas que fraturam a ética, que atuam produzindo monstruosidades desumanas, a estética da letalização da diferença (Pocahy, 2018), da destruição da vida.

A discussão que tencionamos não se esgota na questão ética-estética da existência, mas aprofunda para o político. Ao discorrer sobre a ética grega dos prazeres, os usos dos prazeres e as técnicas de si, Foucault (2006; 2017) destaca que “a ética é a prática refletida da liberdade”, isto é, “a liberdade é a condição ontológica da ética. Mas a ética é a forma refletida pela liberdade” (Foucault, 2006, p. 267). Liberdade essa que, para os gregos-romanos, significa não escravidão, não ser escravo de si e nem de outro homem, trata-se de uma questão do político, da liberdade como um cuidado de si com a/o outrx e com a pólis, da liberdade como um modo de se comportar em relação às/aos outrxs.

São com essas ideias foucaultianas que pensamos a ética-estética-política desta cartografia com a formação na cibercultura e por onde nos inspiramos para fazer algumas movimentações no ato de pesquisar. Nesse sentido, delineamos alguns cuidados que consideramos relevantes na experimentação cartográfica que produzimos na disciplina de Educação estética:

- ✚ Solicitamos aos/às estudantes a autorização para usarmos as suas narrativas, imagens, sons, vídeos para contribuir para o processo de produção do conhecimento e para fins de divulgação científica. As solicitações aconteceram através de conversas pelo bate-papo do Facebook, sala de aula, grupos de discussão...
- ✚ Por conta da ambiência das políticas de ódio contra xs professorxs, resolvemos não identificar xs estudantes e trocar seus nomes por nomes fictícios, para que não sofram com perseguições e ataques dentro-fora da universidade.
- ✚ Nos encontros com xs estudantes, visamos tecer uma relação horizontal, aberta ao diálogo e voltada para conversas densas e francas.
- ✚ Buscamos ter muita cautela com x outrx e em nossas problematizações, principalmente para não prejudicar e pôr em risco sujeitos, coletivos, instituições.
- ✚ Tomamos o cuidado de mapear reportagens, movimentos, acontecimentos, enunciados, discursos... reverberados em rede, que estavam públicos, para ser chave de problematização e de compreensão sobre o nosso tempo presente com xs estudantes da disciplina.

A seguir aprofundamos as nossas discussões cartográficas com a formação na cibercultura.

3. Experimentações do/no pensar-fazer a pesquisa com a formação em rede

A cibercultura, que se estabelece como a cultura das redes, é “fruto da sinergia entre a sociabilidade contemporânea e as novas tecnologias de base da micro-eletrônica”. (Lemos, 2002, p. 111). Mediadx por ela, podemos promover práticas horizontais e processos comunicacionais na relação todxs-todxs, possibilitando assim novas formas de habitar o presente, reconfigurando toda a sociedade. Essa cultura das redes vem reverberando em novas demandas para a educação e para os processos formativos, e nos leva a múltiplos questionamentos sobre em como fazer a pesquisa acadêmica, conforme podemos analisar a seguir.

3.1 Como fazemos a pesquisa cartográfica com a formação na cibercultura?

Para responder a essa questão, trazemos um fragmento de uma experimentação cartográfica que produzimos com xs estudantes da disciplina de Educação Estética, uma de nossas propostas cartográficas era pensar-praticar uma formação não fascista¹⁰, sobretudo em nosso tempo marcado por práticas e discursos odiosos e, em casos extremos, pela letalização da diferença (Carvalho & Pocahy, 2020).

Para a produção da cartografia, abrimos três linhas de problematizações, proposições e intervenções com xs estudantes, as quais serviram de disparadores para promover as discussões, autorias e conversas em sala de aula, os dados da pesquisa. Através destes,

¹⁰ Estamos nos referindo a todos aqueles fascismos que habitam os nossos corpos, que nos fazem não suportar a conviver com a diferença e, às vezes, desejar letalizar o/a outrx: o fascismo de si (Foucault, 1993), microfascismo (Guattari, 1987).

buscamos produzir na cartografia as suas superfícies (capilaridades, conexões e desdobramentos de cada linha) e profundidades (afetos, sensações e desejos construídos e partilhados dentro-fora da sala de aula). Com isso buscamos agenciar multiplicidades de sentidos e significados aos processos formativos vivenciados e aos conhecimentos produzidos com xs estudantes.

Na primeira linha traçada, mapeamos acontecimentos, práticas e movimentos contemporâneos para compor a disciplina. Trouxemos nessa linha experimentações cotidianas que borram a beleza da vida, que tornam o ar ao nosso redor irrespirável, para discutirmos com xs estudantes. Trouxemos também experimentações que potencializam as redes de solidariedade e de re-existência. Essa linha era composta pelas seguintes problematizações:

- ✚ *Fakes news*/notícias falsas sobre o caso da Vereadora Marielle Franco (PSOL) e de seu motorista Anderson, ambos executados pelo nosso atual Estado de exceção.
- ✚ O linchamento online dx estudante Matheusa da Arte/UERJ, que foi assassinadx pelo tribunal do tráfico no Rio de Janeiro/Brasil e era colega de alguns estudantes da disciplina de Educação Estética.
- ✚ A questão do machismo e misoginia na música.
- ✚ A prática do discurso de ódio e racista de determinados políticos.
- ✚ Denúncias de LGBTI+fobia nos cursos universitários.
- ✚ A politização dos selfies nos perfis de redes sociais, a partir dos movimentos **#UerjResiste**¹¹ (é um movimento a favor da universidade pública e gratuita e contra à precarização do ensino-pesquisa pública) e **#Escola sem pensamento crítico não é escola** (é um movimento de insurgência contra ao Escola Sem Partido-ESP, que é um projeto de escola fascista, no qual o professor não tem liberdade para ensinar).
- ✚ As mulheres na política, na música e nos movimentos sociais.

Delineamos a segunda linha cartográfica acoplado teorizações com série de TV para aprofundar com xs estudantes as experimentações traçadas na primeira linha cartográfica. Essa segunda linha vai ao encontro de outros entendimentos e leituras sobre a vida no tempo presente, de como ensinamos e aprendemos a odiar as diferenças e como nos tornamos o que somos (ou aquilo que dizemos ser, os sentidos que atribuímos a nós mesmxs neste jogo da produção da diferença). Traçamos essa linha cartográfica com as seguintes conexões:

- ✚ Partilhamos com xs estudantes interlocuções teóricas dos estudos de Michael Foucault, bell hooks, Silvio Gallo, Achille Mbembe sobre ética-estética-política, estética da existência, necropolítica, corpo, gênero, sexualidade, raça, território, formação....
- ✚ Produzimos dois dias de cineclubes sobre os episódios da série Black Mirror (aberto a toda universidade) e após debate com o público presente. Selecionamos para o

¹¹ Essas discussões abordamos no artigo "[#UERJRESISTE: a politização de si através das selfies](#)" (Carvalho & Pocahy, 2020).

cineclube o episódio 1, “Hino Nacional”, temporada 1, que trata do ódio partilhado em rede, o qual leva um determinado coletivo de pessoas a eleger quem deve morrer, a votação acontece através de uma hashtag (#), como por exemplo: #morteaalguem, a pessoa mais citada na # é a próxima vítima. Outro episódio que selecionamos é o “Engenharia Reversa”, da Temporada 3, que aborda as políticas de ódio e de letalização contra todas aquelas pessoas nomeadas como diferentes, anormais, doentes. Estas pessoas são vistas como baratas por soldadxs, isso acontece por conta de um mecanismo implantado nos cérebros delxs que retira a sua humanidade. Logo, as pessoas anormais devem ser exterminadas. Todavia, xs anormais, as baratas, desenvolvem um dispositivo em que desativa o implante, trazendo humanidade novamente aos/às soldadxs.

Numa outra linha cartográfica, promovemos atividades práticas para potencializar a autoria em sala de aula, a relação de amizade, o dizer a verdade – parrhesía – e o cuidado de si com o outro (em problematizações foucaultianas). As atividades poderiam ser feitas individual, dupla, trio ou grupo. Uma de nossas proposições nessas atividades era a produção de conteúdo, através de múltiplas linguagens e meios. Recomendamos aos/às estudantes produzir os conteúdos atrelados com as discussões tencionadas dentro-fora de sala de aula e a intervirem com reflexões e ideias nas apresentações dxs colegas. A apresentação dos conteúdos produzidos acontecia nos dias do “Seminário de Prática” da disciplina. A publicação dos conteúdos era para ser feita no grupo da disciplina pelo Facebook.

Propomos três atividades práticas com xs estudantes, a saber:

- ✚ Para pensar essas questões de nossa sociedade contemporânea, propomos aos/às alunxs a produção de uma publicação online¹² por meio do aplicativo de [Notes](#) do Facebook. Para contribuir com a escrita na hora da produção da publicação, sugerimos a leitura da reportagem publicada na revista Piauí “[Do lado de cá](#)”, produzida pela aluna Yasmin Santos, do curso de Comunicação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/UFRJ. Nessa reportagem, Yasmin narra sua itinerância de vida e formação.
- ✚ Outra atividade prática proposta foi a produção de memes por aplicativos conjugado com a leitura e a discussão do artigo “[A autoria visual na internet: o que dizem os memes?](#)”. Os memes produzidos deveriam ser publicados no grupo da disciplina pelo Facebook e cada grupo deveria interagir em pelo menos dois ou mais trabalhos de outros grupos.
- ✚ A terceira e última atividade prática era a produção de vídeo, que poderia ser de temática livre.

Para este cotidiano de pesquisa com xs estudantes, acionamos o procedimento/instrumento metodológica conversa, uma que vez que esta é aberta, possibilita múltiplas intervenções, emerge de discussões genuínas e é hipertextual. A

¹² A experiência desenvolvida nessa atividade encontra-se relatada no artigo [Autoría, parrhesía e interseccionalidad en la cibercultura: reflexiones sobre la formación actual](#) (Carvalho & PocaHy, 2019).

conversa “ é um jogo de idas e de vindas entre negociações e buscas por significados e sentidos. Sendo, portanto, um jogo de tensões e de problematizações” (Santos, Carvalho & Maddalena, 2017, p. 106-107).

3.2 Análises cartográficas

Como desdobramentos das linhas cartográficas traçadas com os estudantes da disciplina de Educação estética, destacamos que as linhas 1 e 2 disparam inúmeros debates e problematizações e diversas intervenções e partilhas de ideias em sala de aula. Às vezes, as discussões ficavam mais acaloradas por conta das temáticas irem ao encontro das experiências cotidianas das estudantes, principalmente quando discutíamos sobre a violência de gênero, sexualidade, racismo e território. Por outro lado, notamos que essas discussões produziam aberturas para as estudantes partilharem suas dores, medos e experiências cotidianas na cidade que rompem com a ética-estética-política da vida, conforme podemos analisar a seguir:

“Professor, meu pai me leva todos os dias no ponto de ônibus pela manhã, pois ele tem medo que eu seja estuprada na rua e eu também. Quando saio para vir à UERJ ainda está tudo escuro, pois ainda é muito cedo e há poucas pessoas nas ruas e nos pontos de ônibus. Isso me causa muito pânico, acho que no pai também” – Antônia (estudante de Pedagogia).

“Todos os dias é um inferno para chegar na universidade, essa semana cheguei a chorar, professor, até comentei com as meninas aqui na sala. Os caras ficam passando a mão no meu corpo no trem, me bate uma raiva enorme, fico me tremendo toda. Eu sempre grito muito e fico desesperada com a situação, às vezes fico sem saber o que fazer, imobilizada” – Carla (estudante de Pedagogia).

“Eu tinha uma sogra branca, mãe do meu ex-namorado, e todas as vezes que estávamos juntas nas festas e tocava samba, ela me pedia para sambar, eu falava que não sabia sambar. Daí ela falava como assim uma mulher negra não sabe sambar e sempre vinha com palavras racistas, sabe?!” – Paula (estudante de Pedagogia).

Ainda nessas linhas 1 e 2, notamos ainda que xs estudantes durante os encontros traziam outras fontes de informação, práticas e experiências de si para compor com as temáticas. Com isso, aprofundando os debates com mais elementos, pontos de vista distintos e análises-abordagens.

“Pessoal, recomendo um filme que assisti recentemente e que está sintonia com a discussão da gente. Acho que o nome é “Eu não sou um homem fácil”. O filme discute a sociedade governada pelas mulheres e os assédios diários que os homens passam. O filme faz uma inversão dos papéis de gênero em diversos contextos do dia-a-dia” – Carlos (estudante de Pedagogia).

“Estou lendo o livro “Para educar crianças feministas” da Chimamanda. Eu estou adorando. Ela faz uma discussão bem interessante e tem tudo a ver com as nossas discussões aqui em sala de aula. É bem legal!” – Raquel (estudante de Pedagogia).

Já na linha 3, foram produzidas oito publicações online, por distintos grupos de estudantes. As temáticas das publicações estavam relacionadas às violências de gênero e sexualidade, feminismo, racismo e espaços não conhecidos dentro da universidade, conforme exposto na Figura 1. Na atividade de produção de memes, também foram produzidos 8 trabalhos, só que agora voltados à vida acadêmica, relação de amizade

entre discente-discente e docente-discente, aos horários e conteúdos das disciplinas, ao humor e sono durante as aulas entre outros (Figura 2). Já na atividade de produção de vídeos, foram produzidos 5 vídeos que discutiam sobre as cotas, racismo, gênero na educação infantil, inclusão e universidade pública e gratuita.



Figura 1 – Publicações produzidas pelxs estudantes. Fonte: Grupo Facebook. Acessado em: 02/08/2018.



Figura 2 – Produção de memes: Memes sobre a vida acadêmica (Grupo 1). Fonte: Grupo da disciplina Educação Estética no Facebook.

Esta cartografia teve as suas linhas marcadas, borradas, reescritas por múltiplos atravessamentos, como a tentativa de suicídio de um estudante dentro da universidade;

o assassinato dx estudante Matheusa (Artes/UERJ); mobilização dxs estudantes para implantar a creche dentro da universidade; e seminários e congressos. Mas não só, esta cartografia foi obrigada a fazer uma pausa devido à greve dos caminhoneiros que paralisou todo o estado do Rio de Janeiro, não possibilitando alguns encontros com xs estudantes. Essa pausa cartográfica e os atravessamentos nos fizeram rever as composições das linhas, reconfigurá-las e adequá-las as demandas apresentadas pelo cotidiano de pesquisa; e a entender que a cartografia “introduz o pesquisador numa rotina singular em que não se separa [...] espaços de reflexão e de ação” (Alvarez & Passos, 2009, p.149).

Entendemos com essa experimentação que cartografar com a formação é produzir conhecimento, intervir, formar-se, representar e (re/)significar o presente. É saber que a qualquer momento as linhas cartográficas traçadas podem sofrer desvios, ser borradas e tomar novas configurações. É mais do que acompanhar e capturar fragmentos da fluidez da vida, olhar e descrever um fenômeno em sua instauração. É sentir, viver e experimentar a pesquisa com todas as intensidades do corpo.

Essa experimentação cartográfica nos mostrou que o/a cartógrafox lança mão de múltiplos saberes na ação de criar suas cartografias, saberes os quais são desdobramentos de experimentações, vivências, atravessamentos, práticas, sentimentos, processos formativos.... É um saber que decorre da história de vida e de formação. Saber esse singular, único, que é um fragmento de reflexões de si, práticas de si e cuidados de si (Foucault, 2006; 2017).

Aprendemos nessa experimentação que a cartografia “é uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da extravagância, da exploração” (Oliveira & Mossi, 2012, p. 163); que “cartografar é mergulharmos nos afetos que permeiam os contextos e as relações que pretendemos conhecer” (Romagnoli, 2009, p. 171); e que o trabalho dx cartógrafox é “reflexivo e flexível porque necessita sempre repensar sobre o planejado, rever os dados [...] e considerar as contribuições do grupo pesquisado” (Uriarte & Neitzel, 2017, p. 388).

Gostaríamos de pontuar que a ideia de formação que partilhamos nessa experimentação cartográfica não é sinônima de capacitação. Muito menos está voltada para os modelos massivos de aprendizagem e de ensino. A noção de formação que problematizamos parte das dimensões plurais da vida cotidiana dxs estudantes, como também de suas experiências, narrativas e práticas de si. Entendemos a formação como um fenômeno se fazendo, acontecendo, ou plasmado em algum momento da vida, e que “não se explica pelas lógicas dos modelos teóricos, não se deduz, compreende-se, explicita-se no seu acontecer com o Ser existindo em formação, refletindo/narrando sobre a sua formação e o “estar formado”” (Macedo, 2010, p. 31-32).

Na seção adiante tecemos reflexões referentes as discussões problematizadas nas seções anteriores.

4. Linhas que se encontram: traços e afectos de uma cartografia

Iniciamos este presente artigo nos questionando sobre a possibilidade da cartografia como método de pesquisa na/com a formação na cibercultura. Para isso, mergulhamos nas teorizações sobre a cartografia a partir dos estudos da filosofia da diferença, pós-estruturalista, pós-crítico e queer. Em seguida, apresentamos as movimentações ética-estética-políticas traçadas para uma experimentação cartográfica com xs estudantes da disciplina de Educação Estética do curso de Pedagogia/UERJ. Na seção seguinte, apresentamos e analisamos os dados produzidos com xs estudantes. A partir das ideias e das práticas tecidas até aqui traçamos as seguintes linhas cartográficas reflexivas:

- ✚ O método cartográfico é um método processual, analítico-crítico, é produzido no ato de pesquisar com o outrx e não sobre o outrx.
- ✚ Cartografar é traçar linhas, criar planos de imersão no cotidiano pesquisado, delinear processos, fluxos, rupturas e deslocamentos, é produzir mapas.
- ✚ Cartografar é um gesto político, epistemológico, reflexivo e crítico, no qual conduz o/a pesquisador/a a tomadas de posição e análises aprofundadas da complexidade de seu tempo.
- ✚ A cartografia exige que o/a pesquisador/a esteja aberto aos acontecimentos e pausas que atravessam a pesquisa e que elx tenha uma escuta, um olhar e um sentir sensível ao cotidiano investigado.
- ✚ A ética-estética-política da pesquisa é construída com x outrx no processo de produção da pesquisa, na confiança, cautela e cuidado. Ela não está fora da relação saber-poder, é negociada constantemente entre pesquisador/a e interlocutorxs de pesquisa (pesquisadx).
- ✚ Observamos que as atividades traçadas nas linhas da disciplina de Educação Estética potencializaram as práticas de si, reflexões de si e cuidado de si com x outrx, mas não só, elas ampliaram a relação de amizade e a liberdade ética-estética-política.
- ✚ Nas atividades de produção de conteúdo, notamos que as temáticas apresentadas nos trabalhos pelxs estudantes discutiam o cotidiano experienciado por elxs, as suas alegrias, tristezas, conquistas, práticas....
- ✚ A experimentação cartografada produziu na gente uma sensibilidade na qual buscamos compreender x outrx nas suas complexidades, ela nos movimentou a encontros plurais e inusitados.
- ✚ Em tempo de ódio e de ataques à Educação e aos professores, consideramos importante atividades que promovam a interatividade, troca e partilha em sala de aula na relação todxs-todxs.
- ✚ A formação de si enquanto cartógrafx ocorre no encontro com o outrx, com o mundo e com o caminhar da pesquisa.

Ao traçarmos essas linhas reflexivas, buscamos sintetizar experimentações, ideias e práticas de pesquisa que nos marcaram e nos atravessaram. Tudo aquilo que fica registrado em nossas memórias e corpos. Para finalizar, partilhamos das ideias de Rolnik que vão ao encontro desta presente pesquisa, lá onde ela destaca que a cartografia "acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos - sua

perda de sentido - e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos” (2016, p. 102).

Referências

- ALVAREZ, J.; & PASSOS, E. (2009). Cartografar é habitar um território existencial. In.: PASSOS, E.; KASTRUPE, V.; & ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, 131-149. Porto Alegre: Sulina.
- BARROS, L.; & KASTRUPE, V. (2009). Cartografar é acompanhar processos. In.: PASSOS, E.; KASTRUPE, V.; e ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, 52 -75. Porto Alegre: Sulina.
- CARVALHO, F. S. P.; POCAHY, F. (2020). ODIADOS PELA NAÇÃO: COMO ENSINAMOS E APRENDEMOS A ODIAR A DIFERENÇA? *Revista Interfaces Científicas*, 8 (2), 47-66.
- CARVALHO, F. S. P.; POCAHY, F. (2020). # UERJRESISTE: a politização de si através das selfies. *Revista Teias*, 21(60), 143-152.
- CARVALHO, F. S. P.; POCAHY, F. (2019). Autoría, parresía e interseccionalidad en la cibercultura: reflexiones sobre la formación actual. *Revista http sobre educación y comunicación*, 18, 109-118.
- CARVALHO, F. S. P.; ROSENO, R.; POCAHY, F. A. (2018). Cartografias de rede de aquedação em grupos (homo)eróticos no Facebook: dissidências de gênero, sexualidade e envelhecimento. In: POCAHY, F. A.; CARVALHO, F. S. P.; COUTO JUNIOR, D. R. (orgs.) *Gênero, sexualidade e geração: intersecções na educação e/m saúde*, 129-148. Aracaju: EDUNIT.
- CÉSAR, J. M.; SILVA, F. H.; & BICALHO, P. P. G. (2013). O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. *Fractal, Rev. Psicol.*, 25 (2), 357-372.
- DELEUZE, G. (1988). *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, G. (1992). *Sociedade do controle*. Rio de Janeiro: 34 editora.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (2004). *O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assirio & Alvim.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1995). *Mil platôs: do capitalismo à esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34.
- ESCÓSSIA, L.; & TEDESCO, S. (2009). O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In.: PASSOS, E.; KASTRUPE, V.; e ESCÓSSIA, L. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*, 92 -108. Porto Alegre: Sulina.
- FERIGATO, S.H.; & CARVALHO, S.R. (2011). Qualitative research, cartography and healthcare: connections. *Interface - Comunic., Saude, Educ.*, 15 (38), 663-675, jul./set.
- FILHO; K. P.; e TETI, M. M. (2013). *A cartografia como método para ciência humanas e sociais*. Barbarói, Santa Cruz do Sul, 38, 45-59.

- FOUCAULT, M. (1993). O Ante-édipo: uma introdução à vida não fascista. Cadernos de Subjetividade / Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-S, São Paulo, 1 (1), 197-200.
- FOUCAULT, M. (2006). Ética do cuidado de si como prática de liberdade. *Ditos e escritos V*. Rio de Janeiro: Forense editora, 264-287.
- FOUCAULT, M. (2017). *História da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, volume 1, 6ª edição.
- GALLO, S. (2012). *Ética e cidadania: caminhos da Filosofia – Elementos para o ensino de Filosofia*. Campinas: São Paulo: Papirus, 20º edição.
- GUATTARI, F. (1981). *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.
- GUATTARI, F. (1987). *A revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Tradução Suely Belinha Rolnik, São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª edição.
- GUATTARI, F. (1989). *Cartografías esquizoanalíticas*. Buenos Aires: ediciones Manantial SRL.
- GUATTARI, F. (2013). *Líneas de fuga: por otro mundo de posibles*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus.
- GUATTARI, F., ROLNIK, S. (1996). *Micropolíticas: cartografias do desejo* (4a. ed.). Petrópolis: Vozes.
- LEMOS, A. (2002). Aspectos da Cibercultura. Vida Social nas Redes Telemáticas. In: PRADO, J. A. (Org.) *Cultura das Redes*, p. 111-129. São Paulo: Hacker.
- MACEDO, R. S. (2010). *Compreender e mediar a formação: o fundante da educação*. Brasília: Liber Livro Editora.
- OLIVEIRA, T. R. M.; PARAÍSO, M. A. (2012). Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, 23 (69), 159-178.
- OLIVEIRA, M. O.; & MOSSI, C. P. (2014). Cartografia como estratégia metodológica: inflexões para pesquisas em educação. *Conjectura: Filos. Educ.*, 19 (3), 185-198.
- POCAHY, F. A. (2019). Gênero, sexualidade e envelhecimento: miradas pós-críticas na educação. *Momento - Diálogos em Educação*, (3), 87-111.
- POCAHY, F. A. (2018). O clamor da diferença letal: educar em estado de exceção. *REVISTA ÑANDUTY*, (6), 9-22.
- PRECIADO, P. B. (2017). Cartografias queer: o flâneur perverso, a lésbica topofóbica e a puta multcartográfica, ou como fazer uma cartografia "Zorra" com Annie Sprinkle. *Revista Performatu: Inhumas*, ano 5, 17, 01-32.
- ROLNIK, S. (2016). *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo* (2a. ed.). Porto Alegre: Sulina.
- ROMAGNOLI, R. C. (2009). "A cartografia e a relação pesquisa e vida". *Psicologia & Sociedade*; 21 (2), 166-173.
- Rose, N. (2011). *Inventando nossos selfies: psicologia, poder e subjetividade*. Petrópolis: RJ: Editora Vozes.

- SANTOS, R.; CARVALHO, F. S. P; & MADDALENA, T. L. (2017). Conversas ubíquas via WhatsApp: ambiências formativas multirreferenciais. In. PORTO, C.; OLIVEIRA, K. E.; CHAGAS, A. (orgs.): *Whatsapp e educação: entre mensagens, imagens e sons*, 197-218. Ilhéus, Bahia: Ed. UESC.
- URIARTE, M Z.; & NIETZEL, A. A. (2017). A pesquisa de intervenção cartográfica em Arte Educação. *Educação Unisinos*, 21 (3), 87-394.
- ZAMBENEDETT, G.; & SILVA, R. A. N. (2011). Cartografia e genealogia: aproximações possíveis para a pesquisa em psicologia social. *Revista Psicologia & Sociedade*, 23 (3), 454-463.
-

